



## **Análise Semiótica: Episódio “DIVA” da série Glee, personagens Queer<sup>1</sup>**

Laryssa Gabriele Moreira do Prado<sup>2</sup>

Francisco José Paoliello Pimenta<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

Neste artigo serão analisados aspectos semióticos, baseados nos estudos de Charles Sanders Peirce, como signo, quali-signo e sin-signo, além de outras relações triádicas, presentes na constituição da série Glee, dirigida por Eric Stoltz, roteiro de Ryan Murphy e Brady Falchuk, através do décimo terceiro episódio, “DIVA”, da terceira temporada da série, e dos personagens queer, Blaine Anderson e Santana Lopes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Semiótica, Glee, Diva.

### **INTRODUÇÃO**

Glee, concebido primeiramente como um filme, é uma série musical de televisão que estreou nos Estados Unidos em 19 de maio de 2009 pelo canal Fox. Escrita por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan, e dirigida por Eric Stoltz, a trama centra-se no *Clube Glee*, o coral da McKinley High School, chamado de "New Directions" (Novas Direções) que compete nos circuitos de *show coirs*, enquanto os seus membros lidam com situações problemáticas de relacionamento e questões sociais. No Brasil, estreou em oito de junho de 2010, no canal FOX Brasil, e no dia dois de julho de 2011, na Rede Globo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFJF, email: laryssaprado@live.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação Social da FACOM-UFJF, email: paoliello@acessa.com



Atualmente em sua quarta temporada, *Glee* é uma comédia musical que fala sobre um grupo de ambiciosos e talentosos jovens estudantes do ensino médio, que fogem dos problemas, como relações familiares conturbadas, homossexualidade, baixa estima, e encontram em um grupo musical força, aceitação e por fim, a descoberta de um talento, suas vozes. Na quarta temporada, membros do *New Directions* disputam entre si quem será a “nova Rachel”, personagem principal das três primeiras temporadas, que após se formar, mudou-se para Nova Iorque, onde faz faculdade na Academia de Artes Dramáticas de Nova Iorque (NYADA). Além disso, esperam abrir audições para encontrarem uma nova safra de talentos entre os estudantes. Os personagens que já se formaram deixam o conforto de McKinley e vão em busca de suas realizações.

Apesar de ser bastante elogiada, mas também, alvo de muitas críticas, devido a sua abordagem passar por assuntos que ainda são tabus na sociedade, a série é um exemplo de musical que foge do padrão do conto de fadas típico das produções americanas. E por tocar em assuntos polêmicos e ser voltada ao público jovem, é que produz tantas possibilidades de interpretações no seu espectador.

A quarta temporada da série conta com os personagens fixos das três temporadas anteriores, Finn, Rachel, Blaine, Kurt, Brittany, Santana, Sam, Quinn, Puck, Mike Chang, Tina, Artie, Mr. Schue, Sta. Pitsburg, Sue Silvester, e seus coadjuvantes, e recebe mais personagens, Unique, Brody, Jake, Marley e Kitty.

Como explica Fiske (1993), “o modelo semiótico de comunicação é aquele em que a ênfase é colocada na criação dos significados e na formação das mensagens a transmitir”. Dentre este grupo de personagens de destaque, podemos perceber a presença de alguns tipos sociais específicos, como os esportistas, os “nerds”, e os “queer”. Neste artigo, iremos abordar enfaticamente os personagens queer.

A Teoria Queer surgiu nos Estados Unidos na década de 90 do século XX com a relação entre os Estudos Culturais e o Pós-estruturalismo francês, no intuito de questionar, problematizar, transformar, radicalizar e ativar uma minoria excluída da sociedade centralizadora e heteronormativa. Portanto, representa as minorias sexuais em sua diversidade e multiplicidade, levando em consideração todos os tipos e concepções de sexualidade.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o



excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 57.)

Para tratar da análise semiótica dentro da série e deste tema, dois personagens serão destacados. Santana e Blaine.

Santana Lopes vem de uma família latina, tem personalidade forte e na maioria das vezes é hostil e sarcástica. Formou-se na terceira temporada, mas antes de sair do McKinley High School, fazia parte do grupo das Cheerios, chefes de torcida. Apesar de sempre manter relacionamentos com homens, é lésbica e tem uma paixão por sua amiga Brittany, com quem já manteve um relacionamento. Na quarta temporada, Santana está morando em Louisville, onde ganhou uma bolsa de estudos como líder de torcida. Ela fica incrivelmente hostil quando suas fraquezas são expostas e está disposta a fazer quase tudo para atingir seus objetivos.

Blaine Anderson era estudante de um colégio onde o discriminavam por ser gay. Devido ao bullying que sofria, ele resolve mudar para a Dalton Academy, onde a aceitação de homossexuais é grande. Lá, ele começa a fazer parte do coral do colégio, os The Warblers. Na terceira temporada, ele conhece Kurt, membro do New Directions, e acaba se apaixonando por ele. Para ficar mais perto do parceiro, ele se transfere para o McKinley High School. Blaine é decidido, tem sua sexualidade bem resolvida, é paciente e maduro.

## **DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS A SEREM APLICADOS**

Em análise triádica, Charles Sanders Peirce estabelece dentro das relações do signo, com o objeto e o interpretante outras relações de possibilidade, existência concreta e verdade lógica. São os quali-signos, sin-signos e legi-signos, os índices, ícones e símbolos, e o interpretante imediato, dinâmico e final, foco da análise deste artigo.

A semiótica de Peirce é dividida em três níveis.

**SINTÁTICO** – Revela a relação que o signo tem com seu objeto e com o seu interpretante. Trata da inter-relação de vários elementos da mensagem. Signo inserido em sequência de outros signos com bases de regras de combinação.



**SEMÂNTICO** – Diz respeito à relação existente entre o signo e o seu referente (objeto), e trata da relação de escolhas formais com o conteúdo expresso pela forma, nesse nível é considerado em relação ao que ele significa.

**PRAGMÁTICO** – Diz respeito à relação do signo com ele mesmo e com os outros signos, trata da relação da mensagem com o usuário e com os materiais de produção, considera-se aqui as origens dos signos, seus efeitos nos destinatários e o uso que eles fazem.

A questão da verdade ou mentira nas imagens tem um aspecto semântico, um sintático e um pragmático. De um ponto de vista semântico, uma imagem verdadeira deve ser aquela que corresponde aos fatos que representa. De um ponto de vista sintático, deve ser aquela que representa um objeto e transmite um predicado sobre este. Do ponto de vista pragmático, deve haver uma intenção de iludir por parte do emissor da mensagem pictórica.” (NÖTH, SANTAELLA, 1998, p. 197).

Lembrando que, Pierce define objeto, signo e interpretante como: um **SIGNO** (ou representamen), é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, um primeiro signo criará na mente um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente desse espectador recebe a designação de **INTERPRETANTE** (que não é, o interprete), e a coisa representada é conhecida pela designação de **OBJETO**.

No episódio “DIVA”, décimo terceiro da quarta temporada, os integrantes do New Directions são desafiados a interpretarem DIVAS. Músicas de cantoras como Beyoncé, Cher, Aretha Franklin, Freddie Mercury, Madonna e Alicia Keys são interpretadas.

A partir apenas do episódio, já se pode perceber a presença de relações entre signo-signo e signo objeto.

No caso a ser trabalhado, a dimensão sintática seria a junção de músicas, às atitudes, comportamento, vestuário, dos personagens, a dimensão semântica é a interpretação dos atores quanto ao objeto que é o enredo, e a dimensão pragmática seria o roteiro em si e a interpretação causada/tida por ele, através dele.

Os signos servem para produzir referência, representar algo. E visto que os estudos semióticos investigam a ação dos signos, a visão dinâmica de significação enquanto



processo e também o processo dinâmico de representação, nesse episódio se pode encontrar diversas possibilidades.

Trabalhando com as tricotomias pierceanas, e, sendo na análise do episódio, o objeto o texto, roteiro a ser seguido, e a representação o signo, definem-se as relações.

Na primeira tricotomia que se refere à relação signo-signo, tem-se quali-signo, sin-signo e legi-signo. Dentro do campo das possibilidades, analisaremos primeiramente os quali-signos. Segundo Lúcia Santaella (1985), “o quali-signo é uma qualidade sgnica imediata, tal como a impressão causada por uma cor. O quali-signo é uma espécie de pré-signo, pois se essa qualidade se singulariza ou individualiza, ela se torna um sin-signo”. Então, dentro do episódio, e dentro da análise dos personagens, os quali-signos são comportamentos, atitudes, relações, mas ainda sem contexto avaliado, são ações por si só. No caso do personagem Blaine, destaca-se por seu sentimento de coragem, proatividade, liderança, e de Santana, sentimentos de agressividade, sarcasmo, altruísmo, que irão gerar legi-signos. Todo processo que envolva o sensório.

Passando para a existência concreta, temos o sin-signo, que é uma singularidade.

Sua pessoa emite sinais para uma infinidade direções: o modo de vestir, a maneira de falar, a língua que fala, o que escolhe dizer, o conteúdo que diz, o jeito de falar, de andar, sua aparência em geral. São todos esses, e muitos mais, sinais que estão prontos para significar, latentes de significados (SANTAELLA, 2005, p.13).

Assim, o signo analisado apresenta como sin-signo os personagens tipo. Suas roupas, cabelos, e também um pouco de seu comportamento. Isso se aplica tanto a Blaine e Santana, quanto a toda a trama.

Blaine sempre está com gel no cabelo, não abre mão de sua gravata borboleta e de seus pulôvers, seu andar é sempre calmo, fala corretamente e age com discrição. Já Santana, antes de sair do colégio, sempre estava com uma rabo de cavalo e o uniforme das cheerleaders, usa roupas provocantes, seu ar de superioridade é permanente.

Já relacionado a questões compostas por padrões, temos o legi-signo

São signos usados segundo as normas, por exemplo, as letras de um alfabeto de uma língua, as palavras de uma língua, os signos matemáticos, químicos, os sinais de trânsito, os graus do termômetros, dentre outros.(WALTER BENSE, 2000,p.13)



Dentro do episódio, o padrão de comportamento dos personagens considerados divas, são semelhantes a normas. É de conhecimento social que divas são mal humoradas, exigentes, e como uma das músicas apresentadas no episódio, “a diva é a versão feminina do malandro”. Essa já seria a presença do legi-signo. Em relação a Blaine, ele justifica que, nem só mulheres são consideradas divas. Interpretando a música Dont Stop Me Now, do Queen, ele relembra que Freddie Mercury também foi um diva, isso devido ao seu comportamento, a esse padrão associado a personalidade da diva, ao legi-signo. Já em Santana, todo o seu comportamento caracteriza uma diva.

Agora iremos entrar na relação signo-objeto. Em primeira estância, mais uma vez no campo das possibilidades, assim como os quali-signos, temos o ícone, que é um signo que se assemelha de alguma forma ao objeto. Levando em consideração que o objeto é o roteiro, e o signo a interpretação, todo personagem seria um ícone dentro da trama.

Voltando à existência concreta, mas dentro da relação signo-objeto, vêm as relações indiciais, que dão concretude ao signo e por isto auxiliam na interpretação do signo lógico. O índice tem uma relação de contiguidade com o que representa, indica algo que com o qual o objeto está ligado por uma relação de proximidade.

No episódio DIVA, as relações indiciais de um processo sógnico estão muito próximas das simbólicas. Pierce foi um dos primeiros a esclarecer que não existe um signo puro. O índice pode ter uma dimensão icônica quando se parece com o que representa: como por exemplo, as pegadas, marcas de pneus assemelham-se aos próprios pés, aos próprios pneus ou simbólica.

Quando os personagens são apresentados como divas, vestindo-se e comportando-se como elas, podemos ter uma certa dificuldade em discernir cada relação. Para isso, diferenciaremos índices e símbolos através da convenção, da lei, que está presente apenas no segundo.

Os indícios apresentados pelo episódio são, enfim, a interpretação do roteiro apresentado, que indicam a presença de um elenco, roteiro, direção, e os acontecimentos dentro de um contexto, já que dos acontecimentos e ações, indicam relações anteriores, e também se relacionam ao tema do episódio, as DIVAS e seu comportamento.



Toda série é construída segundo um único programa narrativo que prevê uma sanção final, cada um dos episódios é forjado segundo programas narrativos habituais (...). Cada história (...) embora autônoma, coloca-se como uma etapa parcial de um objetivo final explicitamente lembrado de cada vez. Começamos a ter, deste modo, não uma cadência dos episódios, como também um ritmo da série, assinalado pela oscilação das relações de força entre bons e maus e pela sua ciclicidade (CALABRESE, 1989).

Tal aspecto indicial também se aplica aos personagens, Blane e Santana. Seus gestos e atitudes demonstram sua personalidade, indicam vivências, experiências, gostos.

Segundo Umberto Eco (1984), “nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos. A competência intertextual (extrema periferia de uma enciclopédia) abrange todos os sistemas semióticos familiares ao leitor”. No terceiro nível da relação signo-objeto, temos o símbolo. O símbolo é um signo ao objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzidas por uma convenção social, experiências tomadas.

No episódio, a presença de relações simbólicas é grande, pois durante todo o enredo, a representação faz referências a símbolos da música, as DIVAS. Nomes como o de Cheer, Beyoncé, Madonna, são usados como referência, e tais cantoras já se tornaram símbolo de um determinado comportamento habitual das divas. São musas da cultura e música pop.

Blaine e Santana são em si, seres simbólicos. São convenções sociais, o gay e a lésbica. Mas a temática voltada para a aceitação dos personagens queer faz com que o enredo da trama fuja do que seria o comportamento “esperado”, convencionalizado por tais tipos.

Partindo para a relação dos interpretantes, analisa-se diferentes níveis. Segundo Fiske (1982), “o modelo semiótico de comunicação não é linear, não se centra nos passos que a mensagem percorre desde a fonte até ao destinatário. A comunicação não é tomada como um fluxo, antes como um sistema estruturado de signos e códigos”. Existem três tipos de interpretante: imediato, dinâmico e final. Começaremos pela ordem.

O interpretante imediato é tudo aquilo que um signo poderá suscitar numa mente interpretadora, é a interpretabilidade do signo ou todas as suas possibilidades que



podem ou não ser atualizadas e levadas a efeito. Ou seja, dentro do episódio, diversas interpretações são possíveis. Pode ser considerado uma série para “homossexuais e meninas”, pode ser um incentivo a quem tem um sonho de se tornar um cantor, são inúmeras possibilidades, pois existem inúmeras mentes interpretadoras, que podem tirar deste signo as mais variadas conclusões. Mas lembrando que, todas estas conclusões estão dentro do signo, são realmente possíveis, e independem de serem percebidas, elas simplesmente existem.

O interpretante dinâmico se divide em emocional, energético e lógico, é o que, de fato, é suscitado no intérprete, é o desdobrar de um signo pela ação da leitura, que desencadeia a semiose (ação do signo, processo de significação). Ele poderá ficar apenas no nível do interpretante dinâmico emocional, mas poderá empreender um esforço, gastar uma energia considerável, para chegar ao interpretante dinâmico lógico, ou seja, dar respostas satisfatórias quanto à leitura daquele signo ou complexo sógnico.

O interpretante dinâmico emocional vem quando o efeito se realiza na condição de sentimento, por exemplo, das pessoas que dizem se identificar com os personagens, surge através de uma empatia. O interpretante energético é quando o efeito se realiza por um esforço físico ou psicológico, por exemplo quando se percebe e se quer entender a relação queer dentro da trama, existe uma curiosidade despertada. Já o interpretante lógico, é quando a interpretação ocorre plenamente, ou seja, quando se tira um significação daquilo que lhe é apresentado, como passar a defender, entender melhor as relações queer, os homossexuais através da série.

O fundamento do signo, segundo Pierce, é a alusão que o signo faz com alguma outra situação ou objeto, de forma um tanto platônica, onde encontra seu embasamento e fundamentações. Devido a tratar de um episódio temático, a fundamentação do signo em “DIVA” seria o figurino, uso das roupas extravagantes, as falas referentes à temática e as apresentações do coral.

No último nível, o do interpretante final estará sempre no futuro, como uma meta a ser alcançada. Nunca se chega ao interpretante final, que equivaleria à verdade absoluta, muito embora, às vezes, se tenha a ilusão de ter chegado lá. É como se houvesse um "interpretante final temporário", que logo será desbancado por novas leituras. Nesse sentido, um possível interpretante final “temporário” atual, é o de que Glee tem ajudado jovens a superarem suas dificuldades e serem melhores aceitos em seu convívio social.



## CONCLUSÃO

*GLEE* tem contribuído para a representação e visibilidade de adolescentes *queer* na televisão. Fez de uma relativa diversidade de adolescentes LGBT personagens televisivas, deu-lhes intriga e consistência e, mais importante, fez deles portadores de uma mensagem positiva. *Bullying*, *outing*, desprezo familiar são realidades na vida da comunidade LGBT. E a sua função em “Glee” é clara: pela criação de empatia do espectador, o sofrimento infligido às personagens torna-se algo que ele próprio deverá recusar. E essa ação toma forma através de relações estabelecidas, relações estas que são pura ação semiótica, pois através das tricotomias elaboradas por Pierce significados são dados a cada ação, padrões, cores, vestimenta, dando sentido ao que se vê e se interpreta, e muitas das vezes, induzindo tal interpretação e podendo levar a uma pragmática.

## REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto. **Conceito de texto**. São Paulo: Edusp, 1984.
- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Trad. Carmem Carvalho e Artur Mourão. Lisboa: Martins Fontes, Col.Arte 7 Comunicação, 1987.
- FISKE, John, **Introdução ao Estudo da Comunicação**, Porto, Edições ASA, 1998. ISBN: 972-41-1133-4.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia** / Lúcia Santaella. 3ª. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.
- WALTER-BENSEN, Elizabeth. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.